

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum  
nil destinatum persequor, ad bravium tri-  
umphii Ecclesiae... in Christo Jesu.

1D. 13. 14.



O CARDEAL MANNING.

## SUMMARIO:

**A**PPROVAÇÃO DA «HISTORIA VERDADEIRA DA INQUIZIÇÃO, POR S. EXC.ª REV.ª O SNR. BISPO DO FUNCHAL.—*Uma página triste*, por J. de Freitas.—*Liberalismo e constitucionalismo. Deveres dos «constitucionaes»*, pelo P.º João Antonio Velloso.—SECÇÃO RELIGIOSA: *Instrução, com educação religiosa*, por A. Moreira Bello.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *As conferencias quaresmaes na Sé do Porto em 1884*, III, por Mons. Rodrigues Vianna.—SECÇÃO HISTORICA: *Taboa Chronologica de todos os Bispo, Arcebispos e Bispos Titulares Coadjutores da antiga e muito illustre Egreja de Braga, desde a sua fundação até ao presente*, pelo P.º Alfredo Elviro dos Santos.—SECÇÃO CRITICA: *Transporte India*, pelo P.º Firmino Lopes de Figueiredo; *Ainda a proposito das Portarias*, por João Chrysostomo R. de Faria; *Os nihilistas portuguezes* (continuação) por um amante da Religião, da patria e do throno.—SECÇÃO LITTERARIA: *Garcia ou a christã do Japão*, versão do P.º Lima.—SECÇÃO ILLUSTRADA: I O Em.º *Cardenal Manning: II Capella da Cathedral de Aquisgran*, por R.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.—SECÇÃO NECHROLOGICA: *João Malachias Carretero*, por A. P. R.

Approvação da Historia verdadeira da Inquisição  
pelo Excellentissimo e Reverendissimo Senhor. Bispo do Funchal

*Dom Manuel Agostinho Barreto, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, Bispo do Funchal (Ilha da Madeira), Prelado domestico de S. Santidade, do conselho d'ElRei de Portugal, etc., etc.*

**O** TRIBUNAL do Santo Officio, estabelecido outr'ora em Hespanha e Portugal a instancia dos respectivos monarchas, e por voto quasi unanime dos habitantes d'estes paizes, tem sido vasto assumpto de critica severa contra a Igreja. Os escriptores modernos, influenciados pela ideia revolucionaria, e portanto inimigos declarados de tudo quanto do tempo passado lhes recorde algum obice á livre expansão do pensamento, tem-se expaiado em censuras acrimoniosas e nem sempre justas contra a Inquisição. Os factos tem sido desfigurados, as pessoas calunniadas e as instituições cobertas de ignominia. A historia tem sido escripta em grande parte por mãos inimigas e sob o influxo de ideias anti-religiosas. Por isso a só palavra «Inquisição» é de um terrivel effeito nos espiritos e, para a maioria dos nossos coevos, um phantasma horrivel, que recorda quanto de mais ominoso, injusto e cruel pôde imaginar-se.

Mas um tal conceito está muito longe de ser verdadeiro, pois nem pôde basear-se na intuição genuina, tal como foi creada e concedida pelos Pontifices Romanos, nem ainda nas ideias do tempo, nem sequer nos factos em globo. Quando muito poderia este horror pelo tribunal da Inquisição fundamentar-se n'um ou n'outro facto isolado, que deve considerar-se abuso, e sob a influencia, por vezes preponderante, do poder civil, que não raro tentou intrrometer-se nos tribunaes do Santo officio. O que porém, é indubitavel, é que a Peninsula deve á Inquisição o ter sido liberta das terriveis luctas religiosas que assolaram os outros paizes da Europa nos seculos passados, é que a Peninsula foi n'esse periodo de uma paz no interior e de uma força e poderio no exterior taes, que nenhuma outra nação pôde disputar-lhe a palma nas conquistas e descobertas de novos mundos, e nem ao menos acompanhá-la de perto.

A Peninsula ficou tambem (é este seguramente o primeiro titulo de gloria e de respeito para o Santo Officio) de todo izenta do monstro terrivel da heresia, que foi o flagello mais cruel dos outros povos da Europa.

Quando, pois, se nos deparou um livro que se occupava da Inquisição com verdade e com justiça, sentimos viva satisfação e applaudimos cordalmente essa propaganda em nosso paiz. Esse livro é A HISTORIA VERDADEIRA DA INQUISIÇÃO, escripto em lingua hespanhola pelo Sr. D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo, traduzida em portuguez pelo reverendo P.<sup>o</sup> Manuel José Gonçalves Preza, e editado pelo já bem conhecido editor catholico, Sr. Teixeira de Freitas.

Agora, porém, que está já feita segunda edição portugueza d'esta obra, maior é nossa alegria por ser um claro indicio da boa accitação do livro e dos salutaes fructos que de sua leitura hão de colher os fieis.

Approvamos por isso de toda a nossa alma esta boa obra historico-religiosa e muito a recommendamos a nossos caros diocesanos. Temos fé que assim serão dissipados tristes preconceitos e graves erros, que se tornaram geraes, prejudicando grandemente as crencas sinceras do povo catholico como arma insidiosa de combate contra a Santa Igreja, nossa mestra e carinhosa mãe.

Ao catholico e sollicito editor enviamos nossas felicitações e nossa Bênção.

Dada n'esta residencia Episcopal da Penha de França aos 19 de novembro de 1884.

✠ Manuel, Bispo do Funchal.



## UMA PAGINA TRISTE

---

À MEMORIA DO EX.<sup>mo</sup> E RV.<sup>mo</sup> SNR.  
D. JOSÉ MARIA DA SILVA FERRÃO DE CARVALHO MARTENS  
BISPO DE PORTALEGRE

**N**O dia 20 de novembro ultimo, deixara a vida presente para descansar no seio do Senhor, a alma do Bispo de Portalegre, Prelado estudioso e propugnador das verdades christãs. S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> fora conego da Sé Patriarchal, professor no Seminario de Santarem e Superior do Collegio das Missões Ultramarinas, Bispo de Bragança e Miranda e ultimamente fora nomeado Bispo de Portalegre.

Quando nos propozemos publicar a *Historia Popular dos Papas*, foi S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> dos primeiros a promover a sua propaganda, tomando assignaturas para o Collegio das Missões, para a livraria da Mitra em Bragança, e fazendo-a conhecida. O seu estado de saude não lhe dava tempo para cousa alguma, e por isso ficou a *Historia dos Papas* sem a sua approvação, apesar de nos dizer, na ultima carta, que tivemos a honra de receber do proprio punho de S. Ex.<sup>a</sup> Rv.<sup>ma</sup>, que tinha quasi concluido um escripto acerca da dita obra, no qual a approva; a morte, porém, colheu o antes e nós ficamos sem mais esse favor do venerando Prelado, que Portugal hoje chora, e á memoria do qual nós vimos dedicar estas poucas linhas, ditadas pelo respeito e veneração, que sempre lhe tributamos.

S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>, foi amigo dos Jesuitas, ultimamente, chegando, a offerer-lhe abrigo em sua diocese de Bragança, quando foram expulsos de França, e pelo que nos diz o nosso amigo e conterraneo, autor das *Cartas a um velho portuguez na Asia*, muito lhe deve o Apostolado da Oração, por ter dado amplos poderes ao Director Geral para propagar na diocese de Bragança o dito Apostolado. E para remate de suas virtudes, apontamos o facto de se lhe haver encontrado, no acto do seu fallecimento, a quantia de 2\$200 réis !!

Offertamos á sua alma as nossas orações.

---

### À MEMORIA DA IRMÃ HOSPITALEIRA MARIA DAS NEVES

Outra alma, outra flor das que embalsamam este mundo, vouu á mansão dos Justos, para aureolar a fronte com a coroa fulgidissima dos martyres! Mais ama florinha, das que só o christianismo sabe crear em seus canteiros, tombou da haste mimosa e fragil para a campa onde a vida começa.

A Irmã Maria das Neves, como todas as suas Irmãs, morreu no seu posto de honra, no campo onde se solevanta a cruz, onde o heroísmo christão ri dos ultrages e das vaias dos atheus sem pondonar nem dignidade, onde o amor por Jesus faz esquecer todas as vilanias, onde a mulher, n'este seculo creado por Voltaire e Rousseau, arrasta innocente o manto roçagante em que se envolviam as christãs da Roma dos Cezares, causando como então, a admiração dos povos.

Outra Irmão morta! Estas palavras não se diziam sem lagrimas, porque Guimarães já conhece essas mulheres fortes, que atravessam as suas ruas e praças, que são mães, irmãs, tudo quanto pode desejar o infeliz que cai na encherga do hospital.

No dia 26 de novembro, a Irmã Maria das Neves, de ha muito preza de uma tísica, desceu como de costume á capella do Hospital de S Domingos, onde estava, assistiu ao Santo Sacrificio, commungou, e, ao ir para o hospital, cahiu na escada, e morreu pouco depois, nos braços de suas Irmãs.

Feliz passagem d'esta para melhor vida! Poucas almas deixam a terra em momento tão solemne!

O acto do entorro, feito a espensas da Ordem Dominica e da Irmandade dos Santos Passos foi imponente, assistindo a elle estas duas corporações, a Irmandade da Misericórdia, a Conferencia de S. Vicente de Paulo e grande numero de Hospitaleiras.

Tambem assistiu a Ordem franciscana.

O cadaver foi conduzido ao cemiterio no carro funerario da Ordem Dominica, apesar da fallecida não ser irmã da mesma Ordem, nem fazer serviço no mesmo hospital, nem ser costume, segundo nos consta, alugar o carro. Damos por isto os parabens á Meza Dominica e pedimos a Deus faça prosperar espantosamente aquella casa de caridade, pela consideração dispensada á fallecida *FILHA DE S. FRANCISCO*, do Pobre d'Assis, que a todos os seus Irmãos ensinou a caridade.

Os restos mortaes da pobre Hospitaleira foram depositos no jazigo que alma bem faseja, e de sinceras orações, mandou edificar no cemiterio publico de Guimarães, para n'elle serem guardados os cadaveres de todas as Irmãs Hospitaleiras fallecidas n'esta cidade. Esplendido raio da mais ardente caridade.

De joelhos, christãos! Oremes pela alma da Irmã Maria das Neves, peçamos-lhe que interceda por nós diante do throno do Altissimo, e que alcance o augmento, a prosperidade das tres Ordens da penitencia.

J. de Freitas.

GUIMARÃES 15 DE JANEIRO DE 1885

## Liberalismo e constitucionalismo.

Deveres dos constitucionais

**O** liberalismo está desmascarado: elle não é, nem pôde ser catholico, porque é o erro; é a negação da doutrina de Christo, é a theoria absurda d'uma seita condemnada.

É a insurreição da liberdade humana contra a vontade ou lei divina como o racionalismo é a sublevação da razão humana contra a fê ou contra a razão divina.

Fingindo acatar a doutrina catholica ia semeando o erro; exaltando a liberdade convidava á rebelião contra a vontade soberana de Deus, e escravizava-nos á politica que o renega.

A Igreja condemnou-o por exagerar de tal forma a liberdade que a confundia com a licença e libertinagem; e esta condemnação desiludiu muito fanatico da liberdade.

De feito, o homem é livre, e a sua liberdade é um dom preciosissimo; mas o homem é livre nos limites que a lei divina lhe traçou pois não se deu a si mesmo a liberdade, mas foi outro, foi Deus que lh'a outorgou; e é exactamente a lei divina que o liberalismo contradiz.

Tome-se cada uma das liberdades decantadas pelo liberalismo, e ver-se-ha, desde logo, a opposição em que estão com a lei natural e divina.

Liberdade de consciencia, liberdade de pensamento, liberdade de cultos, liberdade de imprensa, liberdade de negociação, liberdade de industria: tudo isto diz liberdade de cogitar o mal, de o divulgar, de o praticar por todos os modos. Diz liberdade de adorar a Deus ou a beelzebut, de crer as verdades reveladas, ou de as negar; de ensinar e defender a verdade, ou de propagar e propugnar o erro; de approvar o mal e defendel-o, ou deixar de o louvar.

E logo que o mal tem direitos iguaes ao bem, o erro as mesmas garantias que a verdade, o injusto a mesma estima que o justo, é a Deus, summo bem, verdade soberana, e justiça eterna, que o liberalismo offende e ataca.

É isto a liberdade humana? A insipiencia dos liberaes afirma-o, porque a civilisação, para elles, é descer até emparelhar-nos com o irracional, e não altearmos e subir até Deus.

O justo, escravo, por amor, da lei do Senhor, é no conceito liberal o *paria* do cristianismo, e o *antipoda* da liberdade.

O liberalismo é portanto uma fór-

ma do atheismo. O liberal prefere a liberdade a Deus, e em vez de amar a este com toda a sua mente, de todo o coração, e com todas as forças, ama a liberdade, ou antes ama-se a si mesmo.

Esta liberdade desenfreada, sem guia, sem lei, sem fim racional para dirigir-se foi muito sabiamente, condemnada pela Igreja como já o tinha sido pelo simples bom senso.

As maximas do liberalismo continham o veneno occulto da heresia, e os germens da depravação moral de toda a sociedade.

Bem-dito o nome do Pontifice, do Mestre que fez o *Syllabus*.

Mas cumpre não confundir o liberalismo com a forma politica monarchico-constitucional.

O *Constitucionalismo* não é o liberalismo. Se alguns liberaes querem que seja uma e a mesma cousa, é porque as ideas liberaes dos governantes, ou a doutrina do liberalismo tem sido a norma do governo, ha cincoenta annos.

Que a Carta Constitucional tem laivos de liberalismo muito visiveis, isso affirmam-no os proprios herculanos do systema: mas, não obstante, se um ministerio de homens catholicos chegasse ao poder poderia dar á religião e á Igreja, sem modificar a Carta, a liberdade e bens que ella deseja.

Não é só opinião minha, é tambem dos homens mais sensatos, de todos os matizes politicos.

Ha, por desgraça, mais liberalismo na cabeça dos governantes do que na Carta Constitucional.

A Carta tem sido interpretada pelos principios novos do liberalismo, e os srs. ministros liberaes tem achado nella tudo o que desejam a favor das suas ideas.

Até viram na Carta que o Papa não podia fallar aos bispos e fieis da Igreja portugueza sem que o governo desse *beneplicito* ás suas palavras.

É a coherencia do liberalismo governamental. É livre aos gazeteiros publicarem *pranchas* maçonicas, *catalmarias* contra o proprio monarcha, *zurzidellas* aos ministros e a toda a auctoridade, mas a palavra e doutrina do Papa, essa deve aguardar o *aprazimento* do ministro liberal, embora nunca chegue. São estes e outros muitos factos que provam á sociedade que a politica do paiz é toda liberal ou contraria á verdadeira doutrina catholica.

Diz o artigo 6.º da Carta — que a religião do Estado continuará a ser a catholica, apostolica romana: mas tem sido esta a religião dos nossos governos?

A historia afirma que ainda na vida

do outorgador soffreu a Igreja catholica n'este paiz os mais dilacerantes golpes. Com a Carta começou a espoliação da Igreja, o abatimento do clero, a violação da disciplina e o desprezo dos seus direitos.

Hoje a Igreja portugueza não tem vida propria. O liberalismo tem-na sopeada; e se ainda respira, é porque o esphacello ainda não chegou á parte mais vital do seu organismo. O que é um bispo, um parochio, um padre para o liberalismo governante? Um mero funcionario dependente do ministerio dos negocios ecclesiasticos. Nem o nome de ministros do altar lhes deixou; reduziu tudo a *empregados* do Estado, para significar que o que se chama Igreja não tem entidade legal, ou, se a tem é por graça ministerial.

Digam, pois, se é a Carta que tem governado, ou o liberalismo.

Digam se com uma constituição que decreta como religião do Estado o *catholicismo*, se podia chegar a esta abjecção calculada e hypocritamente preparada pelos governos do paiz.

D'aqui devemos inferir que o grande mal não está na Constituição; está nos homens que tem sophismado e calcado a Constituição; está nos homens que tem dirigido a politica e não a tem apoiado.

Os homens que tem estado no poder é que espinharam a lei para fazerem vigorar seus nefandos projectos de liberalismo.

Todas essas leis e portarias emanadas dos diferentes ministerios com o fim de ir despojando a Igreja dos seus direitos, dos seus bens e da sua liberdade nós as combatemos, não só como attentatorias do poder ecclesiastico, mas tambem como illegaes, ou contrarias á Carta Constitucional; mas ellas passaram.

Não estava na lei fundamental tanta iniquidade como se tem commettido; mas os homens do poder, e as maiorias parlamentares da sua obediencia não tiveram respeito á lei do Estado e deixaram-n'a violar: trahiram o seu catholicismo.

Foram os partidarios da Constituição, que citaram todas essas enormes injustiças e violencias:

Muitos, eu o creio, eram catholicos, mas renegaram o seu credo religioso, que não admittia dogmas nem doutrinas novas, e aceitaram um credo mixto de catholicismo e liberalismo, — uma monstruosidade repugnante e inaudita, que a Igreja logo fulminou. Eram constitucionaes e tornaram-se tambem liberaes, seguindo as ideas e os planos dos seus chefes.

Fracccionaram-se em partidos, mas

a politica de todos tem sido sempre a mesma—a politica liberal, anti-christã. Ainda não subiu ao poder um partido que se distinguisse pelo seu respeito e amor á Egreja e á religião.

D'aqui inferimos tambem que é aos constitucionaes que incumbe principalmente o dever de trabalhar por *christianisar* esta politica nefasta, que renega Deus, renegando a Egreja formada por Jesus Christo

O que ali está é obra sua e dos seus: toca-lhes a responsabilidade do feito, cumpre-lhes, por isso desfazer o que fizeram ou deixaram fazer.

Se desaprovam agora esta politica anti-christã, baseada nos falsos principios do liberalismo bradem aos do seu campo, que ainda conservam um resto da antiga fé religiosa, e comecem a reagir fortemente contra o *liberalismo* dos governantes.

Terão os catholicos de todos os outros partidos a auxiliar-nos n'esta cruzada sancta, porque saberão antepôr o bem da religião ao interesse temporal da sua politica, e a gloria caberá áquelle partido, que esquecendo rivalidades e dissidencias antigas fraternisar com os proprios adversarios para a consecução do almejado triumpho

Quando os *constitucionaes* catholicos romperem a alliança com os liberaes entraremos no caminho da *união* catholica tão desejada.

Voltaremos ao assumpto.

Braga 27 de Dezembro de 1884.

P.º João Antonio Velloso

## SECÇÃO RELIGIOSA

### Instrução, com educação religiosa

**C**ONTO perto de dez lustros, e ha quasi egual espaço de tempo que ouço ou leio: «Abri eschololas, e fechareis prisões.»

Sim, e não. Sim, se nas eschololas, a par da instrução, se ministrarem a educação, baseada na religião. Não, se se banir a Deus da eschola, se n'ella a instrução foi desacompanhada da educação moral e religiosa, ou sómente acompanhada d'uma falsa educação moral, sem auctoridade nem sancção.

O que se chama progresso e civilisação, sem duvida alguma, caminha cada dia a passos de gigante: em muitas nações da Europa, sobe a olhos vistos o nivel da instrução, multiplicando-se os estabelecimentos litterarios e scientificos, desde a modesta aula de ensino primario até ás mais completas universidades.

Acaso as estatisticas, ainda concedendo que sejam perfectas e verdadeiras, accusam diminuição na criminalidade e augmento na moralidade? Teem-se cerrado, por inúteis e deshabitados, muitos carceres? Estão desertos os presidios, as galés ou as colonias penitenciarías? Acha-se embainhada e ferrugenta a espada da justiça?

Não será certo que se repetem os crimes com uma rapidez vertiginosa e em numero assombroso, e alguns, e muitos d'elles rodeados de circumstancias que denotam a mais profunda perversão?

E serão todos esses crimes commettidos por individuos sem instrução, por pessoas que «não sabem ler nem escrever», porque a instrução extensa, variada e solida é só patrimonio de um numero comparativamente limitado?

Dêmos de barato que a maior porção dos presos que povoam as cadeias, pertença á classe dos illetrados. *Quid inde?* E a menor porção, a dos criminosos mais ou menos instruidos, não pesa nada na balança? E a outra porção, quiçá enorme, dos *espertos* e dos *protegidos* que conseguem escapar á acção da justiça, nada significa? Não vemos nós ali um que rouba um pão de vinte reis ir para a cadeia e para o degredo, e outro que rouba contos de reis ser muito comprimentado, muito *honrado*, condecorado e até nobilitado?

Os factos, com a sua eloquencia incontestavel, demonstram que a instrução, quando não vá unida á educação moral e religiosa, faz habeis viciosos, destros criminosos, audazes revolucionarios, ardentes socialistas, endurecidos atheus e sanguinarios anarchistas; se ha exceções, essas confirmam, não infirmam a regra.

Sabem-n'o os impios e os transtornadores sociaes, e por isso trabalham tanto em favor do ensino *sem Deus*, e do que deram em chamar a «*emancipação da mulher*», a qual quèrem tirar da posição que lhe assignou o Creator na humanidade, que lhe marca a natureza, e que tanto exaltam os livros sagrados, para converterem em novo elemento de *desordem e dissolução social*, a ella que deve ser o anjo do lar domestico, a nuncia de amor e paz na sociedade.

Ainda ha pouco, *algures*, uma mulher tirou a vida, apoz uma breve altercação, a um homem honrado e laborioso, disparando-lhe um tiro de *revolver*. Era essa virago uma miseravel que não sabia ler nem escrever, ou ainda sem certa instrução? Não: na imprensa elogiou-se a sua superior intelligencia e a sua desenvolvida instrução. Era uma boa filha, boa mãe? Tambem não: tambem na imprensa se disse que fugira ao paiz para se unir a um homem que elle rejeitava, trahindo outro de quem pro-

mettêra ser esposa: que deshonrava o esposo preferido com as suas infidelidades, e que infamava desde o berço um innocente filhinho, proseguindo na estrada lamacenta das torpezas.

Mas recebera essa mulher uma educação moral e religiosa, que a preparasse para bem desempenhar os deveres do estado que lhe viesse a caber em sorte na sociedade? Não: manifestou-se tambem na imprensa que ella cavalgava, caçava, andava só e livremente por onde lhe aprazia, desdenhava as occupações proprias do seu sexo, e sobre tudo isto lia romances, maus romances se entende, d'esses romances da moda que corrompem e pervertem.

Eis ali, pois, mais um exemplo dos funestos resultados da instrução sem moral nem religião, exemplo que merece ser attendido e meditado pelos paes de familia.

Sim, hoje que muitos forcejam por fazer prevalecer as suas ideias sobre o que entendem ser a boa ou má educação dos filhos, é bom cada qual recolher-se e reflectir seriamente sobre esta grave questão.

E, ao chegar a este ponto, não posso furtar-me ao prazer de trasladar para aqui umas sabias palavras pronunciadas por um principe da Egreja, o eminente cardeal Manning. Falla elle para a sua diocese, porem as suas eloquentes palavras encontram perfeita applicação em todos os ppizes, porque descançam em principios fundamentaes.

Dêstemos:

«Só a Egreja de Deus pôde dar a educação. Nem o mundo, nem os legisladores o podem fazer. Farão os legisladores leis pelas quaes infligirão penas..., porem não tem o poder de mudar o coração, e nenhum homem pôde, porque possua a sciencia, tornar vossos filhos, filhos de Deus. Que conheçam o curso dos astros, os segredos do firmamento, as leis da electricidade e da luz, concedo: mas qual será o resultado d'isso para vossos filhos?»

«Vossos filhos poderão ser blasphemadores, ladrões e devassos, aos olhos de Deus. Tornar-se-hão filhos de Deus pela leitura, pela escripta, pela arithmetica e pela historia? Não. Encontrarão a educação no apuro das maneiras, na industria que proporciona ao homem um alimento e um vestuário melhores que outr'ora? Não. Tudo isso não é mais que um verniz, uma pintura, uma caia-dura.

«Um só pôde dar a educação, Deus no ceu, e, na terra, a sua Egreja que Elle para esse fim enviou: pois disse: «Ide, instrui todas as nações, e ensinae-lhes a observar tudo o que eu vos mandei.» Ninguem, se não a Egreja, sabe o que Deus mandou. A Egreja tem como uma carta de instituição para o

«Explicar. Deu-lhe Deus o conhecimento d'Elle mesmo, sem o qual não podem os homens ser conformes a Elle, nem unidos com Elle.

«Uma das chaves que Deus deu á Igreja na pessoa de Pedro, é a sciencia; por ella sabe a Igreja instruir o entendimento no conhecimento de Deus, dirigir a consciencia na obediencia á lei de Deus, despertar no coração o amor de Deus, formar o caracter e moldar o homem todo á similitude de Deus. *E' isso a educação, nem mais nem menos.*

«Nada de illusão: póde haver uma instrucção nacional quanto quizerdes; mas sem fé, quer dizer sem christianismo, nunca haverá educação nacional. Sem o conhecimento de Deus, não ha educação. As escholas sem Deus podem instruir: podem illustrar a intelligencia; mas arrastar o coração, fortalecer a vontade no bem e formar o caracter, nunca.»

Depois d'estas solemnißimas palavras, que dizer? Que contra a missão divina da Igreja e o seu ensino salutar, se achava em campo uma potencia infernal com principios destruidores: é a Maçoneria. A conspiração é tam diabolica como horrenda. Desvendou-a ontro príncipe da Igreja, o illustre Bispo de Grenoble, dando-nos a conhecer as resoluções tomadas pela seita em 11 de Junho de 1879, nas quaes se lê:

«Deschristianizar a França por todos os meios, mas principalmente estrangulando o catholicismo pouco a pouco, cada anno, por meio de leis novas contra o clero!... Dentro em oito annos, *gracias á instrucção leiga sem Deus*, teremos uma geração alheia. Formaremos então um exercito, e o arrojaremos sobre a Europa. Seremos ajudados por todos os irmãos e amigos dos paizes que invadir este exercito...»

Eis ahí o negro futuro que prepara á Europa a maligna seita, tam justamente condemnada pelo Santo Padre Leão XIII, como o fôra por varios dos seus predecessores. E quem duvida que a Maçoneria realizará esse tenebroso projecto, se os paes de familia não abrirem os olhos, e não derem aos filhos a educação moral e religiosa de que tam eloquentemente nos fallou o nobre Arcebispo de Westminster?

Escute-se a voz da Igreja, receba-se o seu ensino e cumpram-se os seus preceitos e conselhos, e tudo será salvo.

A. Moreira Bello.

## SECÇÃO SCIENTIFICA

### As conferencias quaresmaes na Sé do Porto em 1884

III

#### O Apostolado do Clero em face da — Regeneração social

(Continuado do n.º 2)

**U**M dia um vulto magestoso e sereno, depois de se ter erguido redivivo do fundo do seu sepulchro, apparecia de subito no meio de doze rudes plebeus, que haviam sido seus discipulos. Esse vulto magestoso, sobrehumano, incomparavel tinha atravessado os desertos e povoados da Palestina, assombrando-os com o triplice milagre da sua vida, da sua doutrina, e do seu poder. E esse triplice milagre nunca visto, e cada palmo de terra que elle pizou, e cada pedra que regou com o suor de suas fadigas ou com o sangue do seu incomportavel martyrio, e a sua morte de cruz pranteada pela natureza inteira enlutecida e convulsa, e essa cruz a transmutar-se, depois, de instrumento de ignominia em brazão de gloria e em labaro de triumpho, a subir ás amêas do Capitolio, d'onde as aguias romanas fugiram espavoridas para lhe cederem o logar, e elevar-se soberanamente á cuspide do mundo, d'onde tudo illumina, aviventa e fecunda com os seus purissimos resplandores; e milhares de martyres com as suas palmas virentes, e milhares de confesores com os seus nymbos d'estrelas, e milhares de virgens com as suas grinaldas de açucenas, e os primeiros sabios de desonove seculos com as suas aureolas luminosas, e os primeiros poetas com as suas lyras inspiradas, e os primeiros artistas com as suas palhetas imitaveis,—tudo o vem aclamando, como o dragonario romano ao vê-lo morrer entre prodigios: *Verè Filius Dei erat iste!* realmente Elle é o Filho de Deus!

Era Elle, o Unigenito de Deus humanado, que, depois de sua gloriosa resurreição, prestes a subir para o Eterno Paé, dizia aos doze batteiros seus discipulos, e continuadores da sua missão santissima: *Omnis potestas data est mihi in celo et in terra... Quorum remisieritis peccata, remittuntur eis;* que era o mesmo que se lhes dissesse:— Não ha, desde as eminencias do Emphyreo, onde se extasia o seraphim, até ás infimas camadas da terra, onde se roja o mais ignorado dos seres viventes: não ha, desde as alturas mais culminantes dos páramos infindos do espaço, onde rutila um sol ainda desconhecido, que

é como que um diamante engastado nas orlas do meu throno de nuvens, até ao fundo revolto do oceano, onde se esconde a perola que exorna a corôa das soberanias: não ha, desde o mais intimo dos espiritos celestes que me cortejam, e que é como que o sacrario vivo do amor que repousa, até ao mais intimo do coração humano, que é como que o sacrario vivo do amor que suspira, não ha nada que não se circumscreva dentro da orbita incommensuravel do meu poder; *Data est mihi omnis potestas in celo, et in terra.* Porisso, nada intubir-me de vos conferir attribuições sobre um dominio, onde não chega a acção dos poderes humanos mais illimitados, qual é o dominio inaccessible das consciencias. Ide! que ellas se vos patenteiem ao meu nome: entrae! estabelecei ahí um tribunal judiciario; avocae a esse tribunal o crime occulto em sua origem tenebrosa: julgae-o, e pronuncie uma sentença, que essa sentença será ratificada no céo: *Quorum remisieritis peccata, remittuntur eis.*

O Salvador divino, adorado da innumera phalange dos anjos na gloria, e de duzentos milhões de crentes sobre a terra! os anjos pasmam, e os crentes se accarvam respeitosos diante do sceptro d'ouro d'esse assombroso poder, que outorgastes aos doze humildes pescadores da Galilea, vossos discipulos, e na pessoa d'elles a todos os ministros do vosso Evangelho; mas este seculo não lhe comprehende o valor, o alcance social, oh! porque, se o comprehendera, elle, que se diz tão ardentemente devotado á causa da regeneração social, não ridiculisava, em vez de encomiar, os que accorrem a esse tribunal tão santo como eminentemente moralizador, nem desvirtuava, em vez de venerar, aquelle que, na obscuridade impenetravel d'esse tribunal, é incontestavelmente o primeiro e o mais benemerito obreiro do verdadeiro progresso e da verdadeira civilisação, que aperfeiçoa, alevanta e engrandece a humanidade.

Mas não nos desviemos do assumpto: prosigamos, antes que o tempo venha a escacear,

Os reconditos mysterios das consciencias estão abertos e patentes ao ministro da religião, em virtude dos extraordinarios poderes, que lhe foram delegados por Aquelle, que dispõe de todos os poderes no céo e na terra: *Omnis potestas data est mihi in celo et in terra.* Mas como attingirá elle o fim, a que visam esses altissimos poderes, qual é a regeneração moral do homem? Como? Exactamente pelo unico theor, o unico processo, mediante o qual o homem pode regenerar-se, porque é o unico ajustado ás necessidades d'um coração delinquento. Ou senão, vejamos: Senhores! O homem espraçando as

suas vistas por sobre o variadissimo quadro da historia, apparecem-lhe, desde logo, duas potestades sombrias, que marcam, com um sello de lagrimas, o caminho seguido por todos os povos,—o mal e a dôr. E, quando elle attenta em si mesmo, depara-se-lhe tambem, na historia do seu coração, esse phenomeno, que domina luctuosamente na historia da humanidade,—o mal produzindo sempre a dôr.

Pobre coração! Elle é uma harpa viva destinada a vibrar as celestes harmonias extasiantes da virtude, e o mal converte o n'um plectro lamentoso e funebre, d'onde só se desferem notas que suspiram e choram! Pobre coração!...

Ah! n'õ: não venham dizer-me que se é feliz no mal. Não pôde ser: semelhante asserção repugna ao organismo moral do homem. O ideal do coração humano é o bem: quando o desviam d'elle, o coração oscilla, agitado e convulso, como a agulha magnetica, quando a desviam do polo, para onde se volta e tende irresistivelmente. Pôde, é verdade, o delinquente inebriar-se nos gosos do mundo, tentando abafar as oscillações dolorosamente convulsas de um coração desviado do seu ideal, do seu polo magnetico: pôde socorrer-se da phantasia, e pedir-lhe flôres poeticas para embellezar o mal, a ver se o coração se enamora d'elle, e com elle se harmonisa e congraça; pode, até mesmo, rir-se do que sente, como se ri o estoico, e dizer á vaga tristeza que o opprime, ao agulhão do remorso que o lancina, que

ó tortura, que o flagella:—és uma mentira, um preconceito, um sonho de visionario! Não importa! os inebriamentos do praser passam, como o rapido fulgir do meteoro, e as convulsões dolorosas do coração divorciado do bem despertam logo cada vez mais violentas e exercuciantes; as flôres artisticas da phantasia bem depressa se desfolham como illusorias que são, e o espectro sinistro do mal reaparece logo com to-

da a sua hediondez; e ao criminoso, que ri do que sente no desconcerto do seu mundo interior, e quer persuadir-se de que as suas inquietações e os seus remorsos são puros phantasmas imaginosos, responde sempre um suspiro, que se lhe escapa furtivamente do coração:—é tudo uma realidade, uma tristissima realidade!...

Pobre coração!...

E onde, onde irá o pungido do mal

ramem mutuamente, como um vaso de perfumes n'outro vaso de igual ambito, é raro, é phenomenal. Alguem, que tinha o coração afistulado, encontrou-se um dia no meio de uma sociedade brilhante, esplendida, fascinadora, e tinha as lagrimas nos olhos. Porque choraras? perguntaram-lhe. Porque estou só, accudiu lamentosamente; só, aqui, e por toda a parte, porque em toda a parte vejo sempre em roda de mim

um ermo espantoso: vivo n'uma continua solidade; e o meu coração é semelhante á harquinha abandonada no alto mar, fluctuando á mercê das vagas e da furia da tormenta, e não ha ninguem que possa acudir-lhe, porque todos ignoram as tempestades que a açoitam, os mares aonde periga, e os escarcêos aonde naufraga. Bellas palavras! que tão magistralmente descrevem o isolamento angustioso, a que se vê forçada a mais penosa, que é ao mesmo tempo a mais incommunicavel das dôres, a dôr do mal perpetrado.

Onde irá o pungido do mal encontrar o allivio d'uma confidencia, que toda a dôr aneeia?

Irã confiar os seus penares á natureza, e cuidará ouvir no gemido soturno da vaga, ou no melancolico ciciar da briza, eccos sympathicos aos queixumes do seu coração? Ou de pé, sobre um comoro, pendida a fronte como o anjo dos sepulchros, verterá uma lagrima ignorada alli, onde o arroio que brota das fragas em crystallicos aljofares, ou as gottas d'orvalho, que se desprendem das folhas do arvoredo, parecem cho-

rar tambem com elle?... Enleios românticos, que podem muito para embalar uma phantasia, mas que nada podem para suavisar um coração. A demais, só os corações tranquillos é que ouvem nas harmonias da natureza hymnos de consolo e de paz, como só podem gosar-se das variegadas côres do arco-iris os que estão dentro da linha da visão, que recebe os raios refractados da luz.

Onde irá o pungido do mal encon-



CAPELLA DA CATHEDRAL DE AQUISGRAN.

encontrar o'allivio d'uma confidencia, que toda a dôr aneeia?

Irã ao meio social? Ah! na sociedade ha relações de conveniencia, de delicadeza, de sympathia, d'amidade talvez; mas de ordinario não ha o doce convivio das almas. Ha interesses, talentos, aspirações que se unem, e confraternizam pela força attractiva da identidade: mas almas que se approximem, que se toquem, que se compenetrem e se der-

trar o allivio d'uma confidencia, que toda a dôr anceaia?

Esse infeliz tem um segredo terrivel, que lhe produz na consciencia os transe afflictivos d'um toxico violento. Em quanto não confla esse segredo, em quanto não depõe esse toxico, a sua vida é um supplicio de toda hora; nem elle pode lidar pela sua regeneração moral, porque o soffrimento alquebra-o, prostra-o, amortece-lhe todos os espiritos vitaes.

Sacerdote de Jesus! d'Aquelle que passou pelo mundo sorrindo compassivo para todos os que soffrem, enxugando as lagrimas de todas as desventuras, levando a paz, a esperança e o conforto a todos os corações attribulados pela culpa: d'Aquelle, enfim, cuja vida foi um hymno de omnimoda e

santissima caridade, foi toda um cantico perenne de amor por nós, sacerdote de Jesus! abre o teu peito inviolavel a esse infeliz, que só tu és que tens o condão de aviventar.

Como o lyrio da campina, que, por vezes, quando as lagrimas da aurora o oneram, e lhe trasbordam do calice mimoso, inclina-se para outro lyrio, e verte dentro do seu calice a superabundancia d'essas lagrimas, e elle bebe-as, absorve-as, sumindo-as para sempre consigo, assim esse pobre coração delinquento, onerado e a trasbordar de tantas lagrimas, que verte dentro de si mesmo, inclina-se, triste e abatido, em busca d'outro coração, em que possa alijar o pezo d'ellas. Sacerdote de Jesus! sê tu, seja o teu coração esse calice absorvente, urna impenetravel, sê-

lada com o sello d'um arcano eterno, onde o attribulado pela culpa deposite confiadamente a immensa amargura, que lhe vae n'alma.

E é: não o calumniem vilmente! Já-mais o sacerdote trahiu o segredo, que lhe confiam no arcano da confissão sacramental: já-mais! nem ainda nos accessos da loucura, e até mesmo á custa da propria vida, já-mais! E' caso virgem, que a historia nunca registrou. O que ahí se lhe confia cahe no fundo d'um sepulchro, cuja loisa fica para sempre eternamente chumbada.

(Continúa).

~~~~~

## SECÇÃO HISTORICA

Taboa Chronologica de todos os Bispos, Arcebispos e Bispos Titulares Coadjuutores da antiga e muito illustre Egreja de Braga desde a sua fundação até ao presente (1884)

### II

#### ARCEBISPOS

(Continuado do numero 3)

| Numero d'ordem | Nomes dos Arcebispos                                                                  | Annos que governaram | Pontífices Reinantes                                                                | Monarchas reinantes                                 |
|----------------|---------------------------------------------------------------------------------------|----------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------|
| 35             | D. Fr. Diogo (II) da Silva . . . .                                                    | 1540-1544            | Paulo III.                                                                          | D. João III                                         |
| 36             | D. Dunrte, Infante . . . . .<br>(Filho natural reconhecido de D. João III.)           | 1543                 | "                                                                                   | "                                                   |
| 37             | D. Manoel de Sousa. . . . .                                                           | 1544-1549            | "                                                                                   | "                                                   |
| 38             | D. Fr. Balthasar Limpo . . . . .                                                      | 1550[?]1558          | Julio III, Marcello II e Paulo IV.                                                  | D. João III e D. Sebastião.                         |
| 39             | D. Fr. Bartholomeu dos Martyres<br>(Renunciou em 1582).                               | 1559-1582            | Paulo IV, Pio IV, S. Pio V, Gregorio XIII                                           | D. Sebastião, D. Henrique e Felipe I (Intruso).     |
| 40             | D. João (VIII) Affonso de Menezes                                                     | 1582-1587            | Gregorio XIII e Sixto V.                                                            | Filippe I (de facto)                                |
| 41             | D. Fr. Agostinho do Jesus ou de Castro . . . . .                                      | 1588-1609            | Sixto V, Urbano VII, Gregorio XIV, Innocencio IX, Clemente VIII, Leão XI e Paulo V. | Filippe I e II (de facto).                          |
| 42             | D. Fr. Aleixo de Menezes. . . . .                                                     | 1612-1617            | Paulo V.                                                                            | Filippe II (de facto).                              |
| 43             | D. Affonso Furtado de Mendonça.<br>(Em 1626 passou para a Sé de Lisboa).              | 1618-1626            | Paulo V, Gregorio XV e Urbano VIII.                                                 | Filippe II e III (de facto).                        |
| 44             | D. Rodrigo (I) da Cunha. . . . .<br>(Em 1635 passou para a Sé de Lisboa.)             | 1627-1635            | Urbano VIII.                                                                        | Filippe III (de facto).                             |
| 45             | D. Sebastião de Mattos de Noronha<br>(Seguiu-se -Sede Vacante- durante trinta annos). | 1636-1641            | "                                                                                   | Filippe III (de facto) e D. João IV.                |
| 46             | D. Verissimo de Alencastro ou Lencastre. = Cardal. . . . .<br>(Renunciou em 1677).    | 1671-1677            | Innocencio XI                                                                       | D. Affonso VI (Regente e depois rei) e D. Pedro II. |
| 47             | D. Luiz (II) de Sousa. . . . .                                                        | 1677-1690            | Innocencio XI e Alexandre VIII.                                                     | D. Pedro II.                                        |
| 48             | D. José (I) de Menezes. . . . .                                                       | 1692-1698            | Innocencio XII.                                                                     | "                                                   |
| 49             | D. João (IX) de Sousa. . . . .<br>(Em 1703 passou para a Sé de Lisboa)                | 1696-1703            | Innocencio XII e Clemente XI.                                                       | "                                                   |
| 50             | D. Rodrigo (II) do Moura Telles S                                                     | 1704-1728            | Clemente XI, Innocencio XIII e Bento XIII.                                          | D. Pedro II e D. João V.                            |
| 51             | D. José (II) de Bragança. . . . .<br>(Filho natural reconhecido de D. Pedro II).      | 1741-1756            | Bento XIII, Clemente XII e Bento XIV.                                               | D. João V e D. José I.                              |
| 52             | D. Gaspar . . . . .<br>(Filho natural reconhecido de D. João V).                      | 1758-1789            | Clemente XIII, Clemente XIV e Pio VI.                                               | "                                                   |
| 53             | D. Fr. Caetano Brandão . . . . .                                                      | 1790-1805            | Pio VI e Pio VII.                                                                   | D. Maria I e D. João (Principe regente)             |
| 54             | D. Jose (III) da Costa Torres. . . .                                                  | 1806-1813            | Pio VII.                                                                            | D. João VI (Principe regente e dep. rei).           |



| Numero d'orden | Nomes dos arcebispos                                                         | Annos que governaram | Pontifices reinantes   | Monarchas reinantes       |
|----------------|------------------------------------------------------------------------------|----------------------|------------------------|---------------------------|
| 55             | D. Fr. Miguel da Madre de Deus. (Sede Vacante por causa do scisma nacional). | 1814-1827            | Pio VII e Leão XII.    | D. João VI.               |
| 56             | D. Pedro (VI) Paulo de Figueiredo da Cunha e Mello = <i>Cardel.</i>          | 1813-1855            | Gregorio XVI e Pio IX. | D. Maria II e D. Pedro V. |
| 57             | D. José (IV) Joaquim d'Azevedo e Moura                                       | 1856-1876            | Pio IX.                | D. Pedro V e D. Luiz I.   |
| 58             | D. João (XI) (*) Chrysostomo d'Almorim Pessoa (**).                          | 1876-1882            | Pio IX e Leão III.     | D. Luiz I.                |
| 59             | D. Antonio José de Freitas Honorato                                          | 1883...              | Leão XIII.             | .                         |

P.º Alfredo Elcivo dos Santos.

(\*) No sello de que usava vem J. IX.

(\*\*) Pediu renuncia do archispado em 6 de Novembro de 1882 ao governo de Sua Magestade. Este accitou-a por decreto do 30 do mesmo mez. A noticia chegou a Braga no dia 6 e nesse mesmo dia partiu para a sua quinta em S. João do Cabanas, suburbios de Braga.

## SECÇÃO CRITICA

### Transporte India

**C**HEGOU a S. Thomé no dia primeiro de novembro este Vaso de guerra, trazendo a seu bordo o Ex.º Sr. D. Henrique, Bispo de Philadelphia, Prelado de Moçambique.

Apenas fundeado no porto d'esta cidade salvou a fortaleza de S. Sebastião.

Sua Exc.ª o Governador da Provincia mandou logo seu Ajudante d'ordens n'um bote expresso comprimentar o illustre Principe da Igreja.

Pelas onze horas da manhã seguiam para bordo o Secretario do Governo, Ajudante d'ordens do Governador e o Ex.º Encarregado do governo da diocese, P.º José Simões dos Santos e Silva, a fim de acompanharem Sua Exc.ª Revd.ª que vinha a terra dizer missa na igreja de Nossa Senhora da Conceição, que está servindo de Sé, como havia participado. Dirigindo-se para terra, salvou novamente a fortaleza, sendo esperado na ponte-caes por Sua Ex.ª o Governador da Provincia, Custodio Miguel de Borja, antigo deputado da nação, companhia de Policia, toda de grande uniforme, com sua respectiva banda, composta de rapazes indigenas, funcionarios publicos, principaes cavalheiros da terra e grande concorrencia de povo, seguindo depois para a mencionada igreja, onde foi recebido de capta pluvial pelo Coadjutor da re-

ferida freguezia, que estas linhas escreve. Em seguida celebrou missa, sendo acolytado pelo Coadjutor da freguezia e Rev.º Conego Viegas, havendo depois «Te-Deum».

A igreja, alem das diversas auctoridades que poderam comparecer, achava-se repleta de povos. Terminados os actos religiosos, deu Sua Exc.ª o anel a beijar, havendo grande confusão porque muitas pessoas queriam beijar o anel duas e tres vezes.

Dirigiu-se depois ao Palacio do governo, onde o esperava ainda postada a companhia de Policia. Ahi almoçou, e pelas seis horas da tarde voltava para bordo, sendo acompanhado pelo Governador da Provincia, Ajudante d'ordens, Encarregado do governo da diocese, de todo a sua comitiva e mais pessoas, salvando outra vez a fortaleza. S. Ex.ª o Sr. Bispo de Philadelphia levou d'aqui as mais gratas recordações pela recepção e bom acolhimento que teve, o qual attenta a escacez do tempo que se demorou no porto não podia ser melhor.

O transporte seguia pelo Cabo demorando alguns dias em Angola onde consta que Sua Exc.ª Revd.ª tivera tambem uma pomposa recepção por todas as auctoridades, de quem era bem-quisto; pois desde 1880, epoca em que, saindo do collegio das missões, onde estudara e fora ordenado, acompanhara o Ex.º D. José Sebastião Netto, Bispo de Angola e Congo, e hoje actual Patriarcha de Lisboa, como Secretario, tambem se houve da commissão que lhe fora incumbida que passado um anno era

nomeado Vigario Geral de Angola e mais tarde pela transferencia do Ex.º Sr. D. José, os povos d'aquella possessão representaram ao governo de Sua Magestade para que lh'o apresentasse como Bispo da diocese de Angola e Congo, sendo attendidos na primeira parte da sua petição e prejudicados na segunda, talvez por haver sido nomeado Vigario Capitular, tanta era a estima que conseguira n'aquellas paragens!

D'aqui enviamos os nossos parabens aos habitantes de Moçambique pela honrosa aquisição de Prelado tão sabio e virtuoso.

S. Thomé 22 de novembro de 1884.

P.º Firmino Lopes de Figueiredo

### Ainda a proposito das Portarias

*Sur. Redactor*

**E**STANDO no n.º 4 do «Progresso Catholico» o artigo «A proposito das Portarias», firmado pelo Rev.º Sr. P.º E. A. M., e acudindo ao seu chamamento, venho hoje, ainda que tarde, protestar energicamente contra o estúpido proceder dos *regios salaftrarios*, que arvorados em quixotescos pelintras, ou saram reprehender a nobre conducta dos bispos, que tiveram a gloriosa dita de fulminar com as suas Pastoraes a terrivel seita da maçonaria!

Os geringonceiros doeram-se com a encyclica *Humanum genus*; as calvas maçonicas mor-



patria no clarão das chammas dos palacios da Ajuda e das Necessidades, ao som do canto rouquenho de desgrenhadas bacchantes, e ao estampido dos arcabuses, fusilando os cidadãos benemeritos da patria!...

Então sim. Teremos liberdade, igualdade e fraternidade!... Até lá estaremos todos manietados, sem poder abrir o bico, gemendo sob o jugo de ferro d'estes sullões portuguezes, que não deixam desfogar a gente; apenas consentem aos senhores nihilistas que insultem o rei, desacreditem as instituições, vilipendeiem a religião e seus ministros, e tentem por todos os modos derruir a sociedade, para sobre seus escombros arvorearem o farrapo vermelho e com elle o reinado de Astrea!...

Estes nossos nihilistas são assim: usam e abusam escandalosamente da liberdade, e depois berram que não temos liberdade!... E os nossos governos monarchicos deixam-nos á vontade!... Ora queira Deus que tal complacencia vos não custe bem cara!...

*Um amante da religião, da patria e do throno.*

## SECÇÃO LITTERARIA

### GRACIA

ou

#### A CHRSTÃ DO JAPÃO

Continuado do n.º 1

Capitulo IX

A peixeira

**T**odos os planos, que Jecundono havia feito no levar a princeza para Osaka desvaneceram-se ante a vontade do Regente, porque este chamava-o, não para viver na Côte, mas para o acompanhar a uma expedição militar, que tencionava fazer á ilha de Kiouxiou. Viu-se, poiz, Jecundono na necessidade imperiosa de separar-se novamente, e com grande magua sua, de Gracia, a qual ficou em Osaka com suas filhas e Mirka.

Continuava esta todos os dias tirando informações acerca dos christãos, sem que lograsse averiguar nada; todavia cada dia que passava era um novo estímulo á sua curiosidade. Todas as tardes expunha á princeza seus infructuosos trabalhos e baldadas pesquisas, e fazia lhe mil perguntas a respeito dos christãos, com o que se

lhe augmentava cada vez mais o desejo que tinha de conhecê-los, inspiRANDO-LHE todas as possôas um certo anseio, de que ella mesmo se não apercebia.

Gracia e Mirka formavam um contraste encantador. Se a princeza, como havemos dito, era grave, séria e por natureza algum tanto pacata, juntava Mirka a um character jovial e irrequieto, a innocencia e viveza dos poucos annos; era além d'isto humilde e sincera. Nunca queria mandar, e posto que pelo seu nascimento e pelo carinho que lhe professava seu tio Jecundono era a primeira depois da princeza, nunca interpunha seu valimento com ella, senão para evitar ás donzellas, que as serviam, os castigos que ás vezes por pequenos e leves faltas lhes impunham.

Seu coração generoso não podia vêr penas e dores a seu lado e isto fazia-a ser tão querida, estimada e idolatrada de todos, como o era de Gracia, que, como se vê, lhe abria e patenteava, de par em par as portas da sua alma, os mais reconditos arcanos do seu coração.

Quinze dias depois da partida de Jecundono, quando a princeza já ia perdendo a esperanza de encontrar algum christão, com quem podesse fallar, viu que Mirka se dirigia para ella correndo, e mais alegre do que nunca lhe disse:

— Já encontrei o que procurava.

— Como? exclamou Gracia. Encontrei algum dos bonzos christãos? Fallaste com elle? Poderei eu tambem fallar-lhe?

— Podes, sim, já te está esperando. Tenho de advertir-te, porém, acrescentou a travessa menina com malicioso sorriso, que quem eu encontrei nem é bonzo, nem philosopho, nem sabio, nem muitissimo menos.

— Então quem é?

— Uma peixeira. Quando ha pouco estava no meu quarto ouvi uma vendedeira ambulante apregoar pescados do Yodo Gava. Corri á janella para vel-os e achei-os tão frescos, que chamei pela mulher para t'os mostrar. Confesso, que não me recordava da tua recommendação, quando reparei que a peixeira trazia pendente do pescoço uma cruz. «Tu és christã?!» exclamei de repente para vêr o effeito que lhe causavam as minhas palavras, mas a pobre mulher sem commover-se me respondeu:

— «Sou christã, e se por sê-lo não quereis comprar os meus peixes, paciencia! irei a outra parte vendê-los.»

— Penalizou-me o figurar-se lhe, que a desprosava, e lhe disse, que lhe compraria os peixes, mas que era preciso que tu primeiramente os visses.

Entretanto fiz-lhe mil perguntas sobre suas crenças, suas praticas religiosas, e seus costumes, e a tudo me respondeu com summo agrado e muita ingenuidade, dizendo-me por ultimo: «Galardõe Deus tua caridade, formosa menina, fazendo-te christã, que é o maior bem e a maior das venturas, que posso desejar te.» Agradei-lhe o seu bom desejo, e aqui me tens para levar-lhe a resposta.

— Essa mulher, disse a princeza, nada serve para o meu intento, nem pode satisfazer os meus ardentes e constantes anhelos. Desejava encontrar uma pessoa bastante idonea e instruida, que podesse explicar-me philosophicamente o Christianismo; pois, que pode ensinar-mo uma pobre peixeira?

— Não deixo de conhecer, que tens razão; mas, como por emquanto não tem apparecido nem sabemos d'outra pessoa nas condições que apresentas, sempre debes ir fallar-lhe. As suas palavras impressionaram-me sobre-modo. Talvez ella te possa elucidar, porque me disse e asseverou, que os christãos teem templos em Osaka e sacerdotes que explicam publicamente sua doutrina.

— Pois então vamos vel-a, disse a princeza; e seguida de Mirka se dirigiu para a sala, onde tinha ficado a peixeira. Defrontou com uma mulher, cerca de cincoenta annos, pobre, desprovida, esfarrapada, com as pernas e braços nus, de côr bronzeadada, com as faces cavadas e o corpo macerado, mas com um rôsto, em que transluzia tal expressão de bondade e doçura, que prendeu a attenção de Gracia. Não logrou esta vencer a repugnancia, que lhe causava o activo cheiro a peixe, que exhalava a pobre peixeira, nem a miseria que revelava seu andrajoso traje, e por isso, evitando o mais que pôde o approximar-se d'ella, examinou os pescados e dirigindo-se a Mirka, exclamou:

— Fizeste boa compra, agradam-me muito; paga á mulher o que lhe debes.

— Deus vos pague tambem, senhora, o bem que me fazeis, disse a pobre peixeira, e sem poder conter-se começou a chorar.

— Porque chorais? perguntou-lhe Mirka.

— Choro de alegria, porque com o dinheiro que vou receber poderei levar de comer a meu marido, que está enfermo, e a duas filhas, que tenho e que desde hontem não teem comido nada.

— Pois assim sois tão pobre? exclamou a bondosa e caritativa menina.

— Em quanto meu marido teve saude, disse Martha, era esto o nome da

peixeira, trabalhava em uma fabrica de porcellana e ganhava bastante; mas desde que enfermou carecemos de todo o recurso. A caridade de nossos irmãos veio ao principio soccorrer-nos, mas como nem sempre se pode recorrer a ella, estamos já ha dez dias em grande apuros. Esta manhã fui visitar o irmão Vicente, que é o pae dos pobres e lhe fiz ver a nossa situação. «Nada tenho que dar-te, irmã minha,» me respondeu; mas quando já me ausentava, lá se recordou repentinamente, e entrando em casa me trouxe certos pescados e m'os deus. Um rico christão, me disse, m'os enviou de presente. Não ha outros melhores nem mais frescos em Osaka. Dou t'oa, vende-os, e com o dinheiro que ganhares soccorre a teu marido e a tuas filhas. Ia agradecer-lhe, mas Vicente fechou a porta para não ouvir-me. Comecei então a percorrer as ruas, apregoando o meu pescado; porém em tres horas successivas ninguem se importou comigo, nem m'o apregou, até que alfin esta formosa menina me chamou.

—Esse irmão, disse Mirka, a quem chamas o pae dos pobres, deve ser muito rico, visto que soccorre a todos?

—Já o foi; mas depois abandonou tudo para fazer-se christão, e agora serve a nossos sacerdotes. Dizem, que era filho de um grande senhor de Sakai.

—Ora essa não está má! exclamou Mirka: então não sabes de quem é filho teu irmão?

—E' que o irmão Vicente, replicou a peixeira, adeinhando o assombro da menina, é meu irmão, como o é dos demais. Nós os christãos chamamos assim, porque somos todos filhos de um mesmo Pae celeste, e irmãos de Nosso Senhor Jesus Christo. De mais a mais Vicente é o irmão que tem nossos sacerdotes, para que os ajude nos seus trabalhos e reparta as esmolas, que ellos recebem.

—Como é isso! pois teus sacerdotes vivem d'esmolas? exclamou a princeza, que até então não tinha feito mais do que observar e espionar a peixeira.

—Pois de que quereis que elles se sustentem, se de tudo se desfizeram para virem trazer-nos a boa nova?

—E são pobres? reperguntou.

—Tão pobres como eu; pois que como eu vivom do que Deus, por intermedio das boas almas, lhes envia em compensação, porém, d'esta pobreza voluntaria, lhes dá Deus taes riquezas de espirito, que assombra e maravilham. O' senhora, se os ouvisses! se ouvisses, sequer uma vez, a esse irmão Vicente, dirieis que o proprio Deus fallava por sua bôcca! Taes e tão formos as são as cousas que

dizem e que fazem, que, com suas palavras, abrandam e mollificam os corações mais duros e com seus exemplos arrastam e enternecem a quantos se lhes acercam.

—E dizes que esse tal Vicente é japonês e filho de um grande senhor?

—Basta fita-o para conhecê-lo, apesar da sua humildade e do pobre traje que veste.

—Pois bem, disse Gracia, quando elle não tiver nada que te dar, ou te tornares a vêr em apuros, vem cá, que ainda que não tragas pescados, te socorreremos.

E dito isto, sahio da sala em companhia de Mirka; mas como tivesse deixado ficar por esquecimento sobre uma meza o seu leque, voltou correndo a buscá-lo. E como por isso Mirka se encontrasse de novo com a peixeira, que já se ia embora, segredou-lhe ao ouvido algumas palavras, ás quaes Martha, visivelmente commovida, respondeu:

—Depois d'amanhã ao anoitecer. (Continua.)

Versão do P.º Lima.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### I

#### O Em.º Cardeal Manning

**O** RETRACTO que hoje se admira na primeira pagina do «Progresso Catholico» é o de uma das glorias do catholicismo, do homem que, nascido no erro, e chegando a altas honrarias no campo do embuste protestante, chegou um dia a ver a luz da verdade, o facho esplendido da luz esplendida do christianismo, que lhe mostrou os erros em que vivia, mostrando-lhe o caminho da verdade, que seguiu resolutio.

Monsenhor Manning nasceu em 1807, no condado de Kerford, em Foforidge. Estudou primeiramente na escola protestante de Karrow, sendo depois um dos alumnos mais distinctos da Universidade de Oxford. Recebeu ordens angelicanas e em 1833 foi-lhe dado o beneficio de Lavington, no condado de Sussex. Em 1840 era nomeado archidiacano de Chichester, e depois exerceu o cargo de primeiro orador na Universidade onde estudara.

Manning, porém, homem de extraordinario talento e de cos-

tumes acima dos vulgares, não podia permanecer muito tempo submerso no erro. E não. Em 1851, abre os olhos á luz da verdade, renuncia todas as dignidades de que se achava revestido, ajoelha-se aos pés do Cardeal Wiseman, que lhe dá as ordens sacerdotaes, e corre a Roma a estudar a fundo theologia.

Volta a Inglaterra em 1854 e desenvolve um ardor não visto na propaganda do catholicismo, d'essa doutrina que só ella nos dá a felicidade n'esta e na outra vida.

Em maio de 1865 occupa o lugar do grande Cardeal Wiseman no arcebispado de Westminster, sendo creado, poucos annos depois, por Pio IX, de saudosissima memoria, Cardeal da Santa Igreja, justa recompensa de um grande talento, de uma sciencia profundissima, de virtudes preclaras e de franca e verdadeira adhesão á Igreja de Jesus Christo.

Nesse retrato leitores, admirae o maior luminar da Igreja Catholica na Inglaterra.

### II

#### Capella na cathedral de Aquisgram onde se guarda a sepultura de Carlos Magno

**N**A segunda gravura d'este numero vem nossos leitores a capella onde se guarda o sepulchro do grande conquistador, do monarcha da idade media, que, á força do seu braço possante, pôde restabelecer o Imperio do Occidente, que viu santificado com as bençãos da Igreja. E' todo de mármore o sepulchro do monarcha guerreiro, podendo dizer-se, que é uma das mais venerandas reliquias da idade media, que existem na cathedral de Aquisgram *Aix-la-Chapelle*, e guarda se em um armario de grandes dimensões.

Nesse sepulchro, que quinze seculos tem venerado repousam as cinzas do homem valoroso, que á força da espada alargou os dominios da christandade, doando parte d'elles ao Santo Padre, com os quaes constituiu, ou deu principio aos Estados da Igreja, que mãos iniquas modernamente lhe arrebataram.

Não sabia elle, o valente cavalleiro, que a pirataria que en-

tão infestava os mares, havia, em pleno seculo desenove, asentar arraiais em meio das mais opulentas cidades, e exercer alli o mister que então exercia nas salsas aguas!

Bemdigamos, diante d'esse monumento venerando, a memoria do cavalleiro da Cruz, do filho predilecto da Santa Egreja.

R.

## RETROSPECTO DA QUINZENA

**E**STIVERAM em Guimarães e fizeram-nos a honra de sua visita, que do fundo d'alma lhe agradecemos, os Exc.<sup>mos</sup> e Revd.<sup>mos</sup> Srs.:

P.<sup>o</sup> Francisco Gonçalves Teixeira, Bento Gonçalves Quem, Guilherme Narciso da F. e Silva, P.<sup>o</sup> José de Oliveira, Manuel Dias de Gouveia Azevedo e José Ferreira da Costa, assignantes todos do «Progresso Catholico», a quem tem prestado bons serviços. De passagem para as suas terras uns, a gosar com as familias as festas do Natal, outros vindos aqui a negocios e o Rev.<sup>mo</sup> P.<sup>o</sup> Oliveira que voio fazer a pratica mensal do Coração de Jesus.

Lá foi o anno de 1884, que se despediu de nós com uma nevada como raro se vê em Guimarães. Era um frio, nos ultimos dias do anno ido, que a gente estava quasi a dar parte de fraco e deixar-se de tudo. A chuva, porém, fez desaparecer os lençoes de neve que branqueavam os telhados, os campos e cirados, o sol veio depois alegrar tudo com seus doirados raios, e a natureza, como tocada por magica vara, retomou o seu estado ordinario, cá em Portugal, já se sabe, que em terras de Hespanha a cousa tem sido mais séria.

Cidades inteiras despoventadas, povoações sepultadas em ruinas, familias numerosas caídas na valla do comiterio, e a desolação, a miseria, a fome por toda a parte alastrando medonhamente o seu cortejo de morte e ruinas, fazem-lo d'algumas provincias de Hespanha um vasto campo santo e d'aquella nação filialga uma imensa familia onlutada.

E' a ira de Deus passando sobre um povo, é o castigo do céo protestando contra as heresias da epocha, é a expiação do crimes que os passados seculos não conheceram.

S. Exc.<sup>a</sup> Revd.<sup>ma</sup> o Sr. Bispo da

Guarda para solemnizar o nascimento de Jesus Christo, fez distribuir 605000 rs. pelos pobres das duas freguezias da cidade, 205000 rs. ao asylo da Infancia Desvalida e 500 rs. a cada preso.

Assim vae o venerando Prelado exercendo a santa caridade, enchendo lagrimas, valendo a muita necessidade, enquanto os governos, lançando mãos sacrilegas dos bens da Egreja, lhe pagam ainda com a pressão e a tyrania, que Bispos catholicos não podem tolerar.

A voracidade do fisco, que tudo arrasta para o abysmo onde se ha de afundar a patria, acode a caridade dos Bispos, lonitivando um pouco as desgraças do povo.

Bem haja o grande Prelado.

Por não ter saído em o n.<sup>o</sup> passando, com a solemnidade costumada, a Provisão de S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Sr. Bispo do Funchal, approvando a *Historia verdadeira da Inquisição*, fazemol-a reproduzir hoje novamente, e para que nossos leitores não fiquem com uma pagina de menos, fazemos-lhe presente de mais tres paginas, dando-lhe o presente numero com 16 paginas em vez das doze que costumamos dar.

Não foi nossa a culpa de se não dar a Provisão de S. Exc.<sup>a</sup> Revd.<sup>ma</sup> como se tem dado as dos venerandos Prelados, que nos tem approvado a dita *Historia*; mas nem por isso deixamos de pedir desculpa a S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>

As senhoras de Braga, que já vimos em imponente e magestosa procissão dirigir-se ao Sameiro, entoando hymnos festivos em honra da Santissima Virgem, deixaram-se admirar no palco do theatro de S. Geraldo na noite de 30 de dezembro.

Que contraste, dirão os nossos leitores! Pois as damas que em devota romagem vão ao Sameiro cantando hymnos em honra da Virgem, são as mesmas que se patenteam no tablado d'um theatro? Sim, são as mesmas, mas impulsadas pela mesma ideia, pela grandiosa ideia do christianismo.

Ao Sameiro vão dar prova publica da sua fé, do seu amor pela religião de Jesus, da sua devoção para com a Virgem Immaculada; ao theatro foram obter dinheiro para os pobresinhos, para os filhos de S. Vicente de Paulo.

Bravo, filhas da cidade Augusta! A's palmas, aos bravos, ás flores, ás pombas que vos caíram aqui p's na noite de 30 de dezembro, juntaram-se, de certo, as benções do céo, sollicitadas por aquelles a quem soccorresteis.

O theatro era cheio de pessoas das mais distinctas de Braga, rendendo as entradas 6005000 rs., quantia entregue á Conferencia de S. Vicente de Paulo, porque as despezas foram pagas pelos promotores da festa.

Nós vos saudamos d'aqui, d'esta terra que foi berço de heroes, e vos proclamamos, damas e cavalheiros de Braga, benemeritos da Religião e da Patria; porque com a mesma vontade que promoveis festas, que assombram o mundo com o ruido que fazem, assim exerceis a caridade christã.

Envia-nos um amigo a seguinte noticia, que gostosos publicamos, juntando a nossa á indignação do auctor, e lastimando um tal facto.

«Veio ter-me á mão (não sei por que artos) um livreco em pequeno formato intitulado — *O Thesouro descoberto pelos Summos Pontifices Romanos, para remedio universal dos peccadores*. Já pela surpresa, já pela curiosidade, toca a folhear o livro, essa mina d'indulgencias».

Após alguns momentos de fastidiosa leitura, lanço-o para longe de mim, meio desapontado. Pois que julgam os leitores que era o tal *Thesouro*? Um sortido armazem de sandices e patranhas...

Tal acontecimento estava-me quasi varrido da mente, e eis que n'um jornal de Lisboa vejo um artigosinho que verberava com o devido correctivo o sobredito livreco, mostrando sua falsidade.

Pelos modos aquillo anda a fazer propaganda. Pois estejam alerta os catholicos! Livros de tal *qualite* fogo com elles. Não se deixem illudir. O desconchavado *Thesouro* que me arribou pela porta foi impresso este anno, aqui em Guimarães (vergonha!), na typographia do «Imparcial».

Na verdade! Triste modo de ganhar a vida o imprimir patranhas e depois vendel-as passando gato por lebre!

Fiquem, pois, de sobre aviso todos os catholicos: é principalmente ás senhoras que se dirige esta voz de alerta, porque mais facilmente podem ser logradas. E em casos identicos, sempre que se duvide da doutrina, orthodoxia ou merecimento de qualquer obra, de qualquer publicação, bom é que se pergunte aos dignos representantes que Deus deixou na terra, ou a qualquer pessoa entendida. N'isto vae interessado o nosso bem estar e o da nossa familia.

A.»

Os *liberacs* de Viztu, di. em os jornaes de dez reis, estão do armas em

punho, para combaterem os excessos dos missionarios, que vão espalhando o fanatismo entre a liberalissima Vizeu.

Sempre estes liberaes a tramar contra os padres, sempre com medo aos ensinamentos da Egreja! Não lhe bastava locupletarem-se com os bens dos padres, senão ainda em cima quere-rem-lhes roubar a liberdade que ninguém contesta, n'este paiz liberal, aos gazeteiros immundamente malcreados e estupidamente ignorantes, que todos os dias conspiram contra a familia, contra a patria, contra a religião! Mas este odio aos padres é velho em peitos liberaes, e medra em todos elles. Se os ministros tem medo e se conspiram contra as Encyclicas do Papa e contra as Pastoraes dos Bispos, que admira a zanga dos liberaes pequenos contra os missionarios?

Cousas de uma nação a esfacelar-se!

Nos jornaes de Braga achamos a noticia de que o digno capellão d'infanteria 8, o Rvm.º Sr. Conego Barroso fizera a oração gratulatoria na Sé Primaz na occasião do «Te-Deum», que ali se celebrou no dia 1.º de dezembro, recusando-se a receber remuneração alguma. A commissão promotora dos festejos composta de estudantes está gratissima para com S. Rvm.º e nós, que tanto applaudimos rasgos generosos, não podemos deixar de bomdizer um tal desprendimento n'estes tempos de torpissimo egoismo.

Os jornaes da Ilha da Madeira trazem-nos a seguinte noticia, que com grande prazer transcrevemos:

«Realisou-se no Seminario d'esta diocese na quinta feira proxima passada uma sympathica festividade commemorando o 3.º centenario da Associação dos filhos de Maria. Orou ao Evangelho o revd.º snr. padre Theodoro João Henriques, um dos membros d'esta sympathica associação estabelecida ha annos n'aquella casa de legitimo ensinamento e educação. De tarde houve benção do SS. e uma tocante pratica pelo Exc.º Prelado, depois de se haver procedido á admissão solemne de tres alumnos no seio d'esta associação que tantos beneficios tem produzido na sociedade, porque incontestavelmente tem operado grandes transformações no coração d'um grande numero de jovens, que assim se consagram d'um modo especial á pureza da Virgem Immaculada.»

Como são consoladoras estas noticias! como a alma se compraz em sabel-as, e transmittil-as a todos os corações verdadeiramente catholicos!

Bem hajam os filhos da Madeira, e Deus recompense os seus trabalhos.

Boa vae ella, snr. Joaquim Martins, de Coimbra! Na casa da Companhia de Jesus, em Exata (Hollanda) foram recebidos n'estes ultimos dias 40 NOVIÇOS! Nos noviciados das outras ordens religiosas, tanto da Hollanda, como da Allemanha, observa-se um augmento igual nas vocações religiosas. Ora se isto se nota em paizes protestantes, que virá a acontecer nos paizes, como Portugal, funtizados pelos padres?

O snr. Joaquim parece que não tem estabelecido bem as baterias contra os frades, porque se tivesse...

Verdade seja que aquelle livro de João de Lemos, *Os Frades* (1) tem feito aplanar muito o caminho para o restabelecimento das Ordens religiosas em Portugal, e é bom que esse livro seja bem lido, já que saiu a lume.

Mas vá tocando snr. Joaquim.

Damos os parabens aos povos que foram o Centro do Apostolado da Oração em S. Thiago do Bougado, por haverem celebrado o 11.º anniversario da inauguração de tão prospero Centro. Teve lugar a festa no dia da Immaculada Conceição da SS. Virgem, com missa cantada, sermão, numerosa communhão e consagração geral de zeladores e zeladoras.

Quando comparamos estas reuniões com outras que o espirito das trevas promove, muito louvamos ao Senhor, pelo zelo e boa vontade que desperta nas boas almas para a propagação da mais bella das virtudes—A Oração!

O nosso Santo Padre Leão XIII é um fervido amigo da Ordem franciscana. E se não fosse já bastante-mente conhecidos os beneficios que a mesma Ordem lhe deve, o seguinte facto provará até á saciedade o que deixamos dito:

O Rev.º Cura de Arciles-Gray, Mr. H. Sallor, foi recebido por Sua Santidade, que, sabendo que o Cura voltava para França, lhe fez a seguinte pergunta:

—Porque caminho tencionaes voltar a França?

—Por Loreto, Santissimo Padre.

—N'esse caso deveis passar por

Assis, lhe replicou Leão XIII, detendo-vos ali algum tempo, onde todo o coração christão se sente fortalecido.

—Bem o quizera. mas o tempo...

—Não se trata d'isso, replicou o Santo Padre. Sois membro da Ordem Terceira?

—Não, Santissimo Padre.

—Pois então ide a Assis e dizei ao Guardião do Convento de S. Francisco que o Papa lhe ordena que vos admita na Terceira Ordem.

Pelo que ahí fica se vê que a Ordem Terceira merece a protecção do Vigario de Jesus Christo, como a mereceu sempre, porque o Papa é inimigo da tyrannia e os tyrannos não gostam da Ordem Franciscana, nem de nenhuma Ordem religiosa.

Tambem no Brazil vão gostando dos fructos nascidos á sombra da Cruz.

As Irmãs de Santa Dorothea tambem lá, nas terras que os portuguezes civilisaram, as religiosas prestam os verdadeiros serviços á civilização, como se vê da seguinte noticia, colhida da «Aurora», de Pernambuco:

«Collegio de S. José.—Na presença do Exm.º Rvm.º Monsenhor Dr. Joaquim Arcoverde Cavalcanti, e do Rvm.º Dr. Jeronymo Thomé da Silva, professores do Gymnasio Pernambucano, prestaram ultimamente exame as alumnas do collegio de S. José, dirigido pelas virtuosas irmãs de Santa Dorothea, nas seguintes materias: portuguez, francez, italiano, inglez, arithmetica, geometria, geographia, historia patria, historia sagrada e cathecismo.

Ao acto, que durou dez dias, compareceram setenta alumnas internas, e quinze externas; geralmente satisfizeram e revelaram grande aproveitamento, sendo que muitas foram approvadas plenamente, e outras mereceram distincção.

Domingo proximo terá lugar a premiação.

Por nossa parte nos congratulamos com as illustres preceptoras d'aquellas que mais tarde deverão ser boas e virtuosas mães de familia.»

Que supresticiosas creaturas! Religiosas a ensinar PORTUGUEZ, FRANCEZ, ITALIANO, INGLEZ, ARITHMETICA, GEOMETRIA, GEOGRAPHIA, HISTORIA PATRIA, HISTORIA SAGRADA E CATHECISMO!

O «Propheta de hoje» é um periodico de especulação, que vê a luz da publicidade em Lisboa. No empo-

(1) Livro de que já se fez 3.ª edição e que se vende por 300 rs.

nho de fazer recheiar quanto possível as algibeiras dos proprietários, deliberaram estes mandar a folha a todas as pessoas de quem soubessem os nomes, e f i por isto que a mandaram ao Revd.º Parocho de Azurem, d'este concelho.

O apostolico ecclesiastico, o santo homem, que todos em Guimarães conhecem pelas suas virtudes e despreendimento pelas coisas terrenas, ao ler no dito «Propheta» doutrinas que em nada se conformavam com as suas ideias religiosas, devolve a folha e para cumprir os ensinamentos do Divino Mestre, ministra-lho uma lição tremenda, fechando com as seguintes palavras:

«O escriptor estude o cathecismo catholico, e leia mais p'ra saber o que diz.»

Fizessem assim todos os catholicos e todos os padres com especialidade, que melhor andariam, que ajudando a amontoar lenha para a grande fogueira que hade devorar o que de mais respeitavel existe na terra.

Os nossos parabens ao Revd.º Sr. P.º Francisco José Vieira.

J. Freitas.

## SECÇÃO NECROLOGICA

### João Malachias Carretêro

Ferido de dor, possuido de profunda saudade, sinto a fronte curvar-se-me ao peso da angustia e o coração palpitar violentamente, lembrando-me que vou entretecer uma corôa do perpetuas e lyrios para com ella ornar a memoria de um virtuoso mancebo, de um seminarista modêlo, de um condiscipulo estimado, de um verdadeiro e sincero amigo, a quem a terrivel thesoura d'Atropos cortou o fio da existencia, e a medonha fouce da morte ceifou do jardim dos vivos. Este seminarista, este condiscipulo, este amigo, foi o nosso caro e sempre chorado João Malachias Carretêro!

Infelizmente no dia 11 de Dezembro pelas 11 e meia da manhã, o anjo da morte, pairando com as suas lugubres e negras azas sobre o Seminario Patriarchal, arrebatou de nossos braços este moço tão querido, este estudante tão distincto, esta esperança do sacerdocio!

Ah! cruel morte que a ningum poupas! Ah! Parca insaciavel que em tão pouco tempo fizeste substituir as alegrias e prazeres pelo lucto e pranto!

Cortaste a existencia a um nosso condiscipulo e amigo, à flôr do nosso

curso, ao discipulo querido, ao alumno esperançoso!

O teu golpe foi certo é verdade, não te enganaste, mas deixaste-nos desolados, derrubaste o nosso ninho, destruíste os nossos planos e phantasias!

Como fazes cahir por terra todas as illusões da vida?!

Que eloquencia mais forte que a tua?! Que eloquencia mais capaz de nos fazer convencer do nosso proprio nada?!

Sim, tu és a voz da maldição divina que se estende a todas as classes e jerarchias; que se cumpre tanto no monarca revestido de purpura, como no pobre gemendo na miseria e na indigencia: tanto no ancião dobrado pela decrepitude, como no joven radiante na flôr de seus annos!!

Maldição divina a que a natureza está sujeita depois do peccado!

Maldição divina renovada incessantemente a nossos olhos e gravada sobre todos os objectos que nos rodeiam!!

Sim, em todos os logares d'esta casa, nos parece ver representada a figura de nosso amigo; a cada passo julgamos encontrá-lo, abraçá-lo, apertá-lo contra o nosso coração!

Em qualquer sombra se nos afigura vêr esse infeliz condiscipulo que se nos dirige cumprimentando-nos com os seus modos extremamente agradaveis! Mas enganamo-nos; é illusão! E' morto! Já não existe essa joia seminarista, cuja vida vou em resumo descrever.

João Malachias Carretêro era natural de Lisboa, e filho de paes pobres.

Recebendo uma educação verdadeiramente christã, soube sempre conservar-a apesar das suggestões que lhe faziam em contrario.

Soube vencer seus detractores, não obstante muitas vezes o escarnecerem pelos seus actos cheios de piedade e religião.

Não desanimou, mas parecia que seu espirito christão se rebustecia mais e mais. A fê arrigada fortemente ao seu coração não enfraqueceu: porisso frequentava cuidadosamente a casa do Senhor, tendo uma predileção especial pela do Desagravo, o que lhe grangeou a protecção do Ex.º Conde da Redinha, a quem se tornou notavel a assiduidade d'este moço n'aquelle templo, bem como o seu porte modesto e grave durante a celebração dos officios divinos.

Um dia chamou-o, e perguntando-lhe entre outras cousas, que carreira queria seguir, o joven respondeu, que desejava ser padre, mas seus paes eram pobres.

Em vista d'isto o Ex.º Conde tomou-o a seu cuidado, e desde então o joven tratou-o por padrinho.

Fez com que entrasse para o Seminario Patriarchal, onde venceu os pre-

paratorios em pouco tempo, sendo em todos elles um alumno distincto.

Depois começou os estudos theologicos, dando provas sufficientes de seu grande talento e inclinação para estas sciencias.

Cursava o 3.º anno, quando a morte o surpreendeu.

O que foi o seu comportamento n'esta casa de educação religiosa, apregão o o panegyrico que Lentes e seminaristas fazem, attentando todos em peso, que João Malachias Carretêro, era um excellente e virtuoso mancebo, um exemplar seminarista, e esperança segura de santo sacerdote.

Os seus actos caridosos são bem conhecidos por todos os alumnos, especialmente os da perfeitura de que elle era monitor.

Porem a acção mais brilhante de sua vida de que temos conhecimento, e que perfeitamente o caracteriza é a seguinte: Uma occasião, estando em casa de um seu amigo, bateu à porta um pobre coberto de andrâjos e farrapos tirando com frio. Este caridoso moço, querendo occultar a acção que ia praticar, chama o mendigo a outra porta, despe o casaco, tira o collete e entrega-lho!!

Acção heroica! Acção louvavel, e que claramente demonstra a generosidade de seu coração!

Que seja esta a flôr mais bella da corôa que te orna a fronte na Bemaventurança, e que foste receber como galardão de tuas virtudes e trabalhos em honra da Virgem!

Só ella te poderia recompensar, chamando-te para seus braços! Mas não! Não morreste amigo! Vives e viverás sempre na nossa memoria

Tua alma despreendendo-se d'este mundo de miserias, devia voar, como piamente creio, e o merecias pelas tuas virtudes, ao seio d'Aquella, que sendo o nosso principio, será necessariamente o nosso ultimo fim.

Não te lamento pois; a vida é um momento, e a minha fê ensina-me que um dia te verei. . . . cêdo talvez?! . . . quem sabe?

Seminario Patriarchal.

Um condiscipulo e amigo.

A. P. R.

## OS AMIGOS DO "PROGRESSO CATHOLICO"

NOMES DAS PESSOAS QUE GRANGEAM ASSIGNATURAS PARA ESTA REVISTA

Os Exc.<sup>mos</sup> Snrs. e Exc.<sup>mas</sup> Snr.<sup>as</sup>

|                                                    |   |                                                    |    |
|----------------------------------------------------|---|----------------------------------------------------|----|
| Prior Diogo de Sousa Malo. . . . .                 | 2 | José Ribeiro. . . . .                              | 1  |
| Padre João da Costa Vaz. . . . .                   | 6 | Francisco Pereira da Silva Pinto. . . . .          | 1  |
| Padre Polycaapo Felix Ribeiro da Silva. . . . .    | 3 | Padre Antouio Ferreira da Gama. . . . .            | 1  |
| Ignadio Maria da Cruz. . . . .                     | 4 | Augusto Barbona d'Oliveira Coimbra. . . . .        | 1  |
| Padre Antonio Pereira Lomba . . . . .              | 1 | Dr. Geraldo Joaquim Maria da Costa. . . . .        | 1  |
| Padre Manoel Simões Capão. . . . .                 | 1 | Padre Antonio Correia dos Reis Coelho. . . . .     | 1  |
| Antonio Patrocinio Domingos d'Araujo, . . . . .    | 2 | Padre José Maria Pereira de Lacerda. . . . .       | 1  |
| Julio Augusto d'Almeida Martinho. . . . .          | 2 | David Pires da Conceição. . . . .                  | 4  |
| D. Balbina Boaquima de Sousa Cuimaraes. . . . .    | 1 | D. Emilia Julia Pinto Bandeira. . . . .            | 4  |
| Frei Manoel Joaquim do Bom Jesus. . . . .          | 4 | Padre Manoel Ribeiro Martins. . . . .              | 3  |
| Padre Domingos Antonio Pereira de Miranda. . . . . | 1 | Francisco J. de Bastos e Silva. . . . .            | 1  |
| Abade Luiz Manuel D. Barreiros. . . . .            | 3 | Padre Antonio J. Forriolha Machado. . . . .        | 2  |
| Padre Manuel dos Santos Gabral. . . . .            | 5 | Padre Joaquim Pedro de Carvalho. . . . .           | 1  |
| Vigario Antonio da Estrella Figueiredo. . . . .    | 5 | Manoel Luiz Duarte Maia. . . . .                   | 2  |
| Padre Manuel R. Branco. . . . .                    | 3 | Abade Luciano Joaquim de Moraes. . . . .           | 1  |
| José Pires. . . . .                                | 2 | Rodrigo da Silva Sanches. . . . .                  | 7  |
| Prior P. J. Martins do O' . . . . .                | 2 | Padre Manoel Sanches de Pina. . . . .              | 1  |
| Reitor Manuel José Gomes. . . . .                  | 1 | Duarte Leite Bragança. . . . .                     | 6  |
| Padre João M. Pinto da Gama. . . . .               | 1 | Padre Thomaz Antouio Wenceslau dos Reis            |    |
| Julio Mascarenhas . . . . .                        | 2 | Ferro. . . . .                                     | 2  |
| José Maria do Carmo Vicente. . . . .               | 2 | Candido Alves Cavaco. . . . .                      | 1  |
| Padre Manuel d'Almeida Ferreira . . . . .          | 2 | Antonio José da Silva Mendes. . . . .              | 10 |
| Dr. Manuel Nunes d'Oliveira Sobreiro. . . . .      | 2 | Padre Domingos Antonio Pereira de Miranda. . . . . | 3  |
| Padre Manuel José Valente . . . . .                | 2 | José Gonçalves d'Abreu. . . . .                    | 6  |
| Luiz R. Lopes Rozeira. . . . .                     | 1 | Padre Albino Simões Dias Cardoso. . . . .          | 1  |
| Padre Theodoro de Sousa Rego. . . . .              | 8 | Manoel da Silva Ribeiro. . . . .                   | 1  |
| Padre Firmino Lopes de Figueiredo. . . . .         | 2 | Padre José Rabaça de Carvalho. . . . .             | 4  |
| Padre Antonio Joaquim de Moura Calvão. . . . .     | 2 | Padre Antonio Caetano Vaz Pereira. . . . .         | 3  |
| Julio Augusto d'Almeida Martinho. . . . .          | 1 | Padre João Baptista de Magalhães. . . . .          | 1  |
| Padre Antonio Corrêa d'Abrantes. . . . .           | 1 | Padre Candido Augusto Saraiva Guerra. . . . .      | 2  |
| Pedro Antonio Bernardino. . . . .                  | 1 | Padre Emilio Augusto da Esperança Machado. . . . . | 14 |
| Padre Bernardino Teixeira de Magalhães. . . . .    | 4 | Joaquim Pedro Mendes. . . . .                      | 3  |
| Manuel Vieira Mendes da Silva . . . . .            | 4 | Padre Antonio J. da Silva Freitas. . . . .         | 4  |
| Padre Frederico Amancio d'A. Mendes. . . . .       | 3 | Padre Luiz do Q. Borges e Varconcellos. . . . .    | 2  |
| José Alves Pereira de Magalhães e Moura. . . . .   | 1 | Padre José Maria Tavares Portugal. . . . .         | 1  |
| Francisco Alves Godinho. . . . .                   | 3 | D. Josefa Ignacia da C. Gonçalves Pereira. . . . . | 1  |
| Francisco José de Sousa. . . . .                   | 2 | Prior Maximiano Correia de Figueiredo. . . . .     | 3  |
| João Dantas de Sousa. . . . .                      | 1 | Padre Daniel Tavares Nogueira. . . . .             | 1  |
| Padre Francisco José Duarte Macedo. . . . .        | 1 | João Carlos Olim. . . . .                          | 3  |
| Padre Antonio Joabum da Rocha Espanca. . . . .     | 4 | Padre João da Costa d'Andrade. . . . .             | 1  |
| José Ferreira de Silva Tavares. . . . .            | 3 | Padre Manoel Mendes de Carvalho. . . . .           | 1  |
| Francisco Jose de Bastos e Silva. . . . .          | 1 | Luiz Alves da Cruz. . . . .                        | 1  |
| Antonio Hermano Mendes de Carvalho. . . . .        | 2 | Manoel J. Coelho. . . . .                          | 3  |
| Eduardo Almeida. . . . .                           | 2 | Manoel da Cunha Fernandes. . . . .                 | 1  |
| Manoel Ferreira da Costa Junior. . . . .           | 1 | Antonio Pereira dos Reis. . . . .                  | 4  |
| Prior José Machado Homem. . . . .                  | 2 | Padre Antonio Lucio da Fonseca. . . . .            | 1  |
| Padre José Gonçalves da Fonseca. . . . .           | 2 |                                                    |    |

## UM BRINDE AOS ASSIGNANTES DO "PROGRESSO CATHOLICO"

**T**AMBEM o *Progresso Catholico* vai offerecer um brinde aos seus illustres assignantes, e será um brinde digno não só de quem o offerrece, mas tambem de quem o recebe. N'uma das melhores officinas de gratura estrangeiras foi encomendado o *cliché* de uma gravura cheia de belleza e inspiração christã, destinada aos leitores do *Progresso Catholico*. Terá o formato de duas paginas da nossa folha, e será stieriotipada em papel super-or, proprio para ser emoldurado em quadro de magnifico effeito.

O pensamento do auctor, um dos mais lanreados pintores, é d'uma belleza espantosa, e a fidelidade com que o buril do gravador o reproduziu, nada deixa a desejar. Representa o Anjo da Guarda, velando junto d'uma creança adormecida.

Este quadro será distribuido como brinde a todos os assignantes do *Progresso Catholico*, que, ao distribuir-se o n.º 6 do 7.º anno tiverem pago a importancia de suas assignaturas. Passado o dia 15 de janeiro, proceder-se-ha a tiragem do quadro, que será unicamente de tantos exemplares quantas forem as assignaturas pagas até essa data.